



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS – CCLPI

VERONICA CRISTINA DE MORAES CAMPOS

As teorias da tradução em *Babel, or the Necessity of Violence* de R. F. Kuang: os reflexos na construção do sistema de magia e na caracterização dos personagens enquanto tradutores.

São Luís

2026

VERONICA CRISTINA DE MORAES CAMPOS

As teorias da tradução em *Babel, or the Necessity of Violence* de R. F. Kuang: os reflexos na construção do sistema de magia e na caracterização dos personagens enquanto tradutores.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Cesar Roberto Campos Peixoto

São Luís

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moraes Campos, Veronica Cristina de.

As teorias da tradução em Babel, or the Necessity of
Violence de R. F. Kuang: : os reflexos na construção do
sistema de magia e na caracterização dos personagens
enquanto tradutores / Veronica Cristina de Moraes Campos.
- 2026.

32 p.

Orientador(a): Cesar Roberto Campos Peixoto.

Curso de Letras - Inglês, Universidade Federal do
Maranhão, São Luís - Ma, 2026.

1. Tradução. 2. Equivalência. 3. Linguagem. 4.
Cultura. 5. Magia. I. Campos Peixoto, Cesar Roberto. II.
Título.

As teorias da tradução em *Babel, or the Necessity of Violence* de R. F. Kuang: os reflexos na construção do sistema de magia e na caracterização dos personagens enquanto tradutores.

Veronica Cristina de Moraes Campos

RESUMO

Este trabalho investiga quais teorias ou paradigmas da tradução estão presentes na fantasia histórica *Babel, or the Necessity of Violence*, de R. F. Kuang, analisando de que modo conceitos como equivalência, intraduzibilidade, distorção, domesticação e estrangeirização contribuem para a construção do sistema de magia do romance e para a caracterização dos personagens enquanto tradutores no contexto acadêmico e colonial de *Babel*. A fundamentação teórica apoia-se principalmente em Pym (2017), em diálogo com autores como Nida (1964), Vinay e Darbelnet (1958 apud PYM, 2017), Vermeer e Reiss (1984), Venuti (1995) e Barbosa (1990). Metodologicamente, é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e explicativa, baseada na análise interpretativa de trechos do romance nos quais a tradução aparece como prática técnica, elemento mágico e instrumento ideológico. A análise sugere que Kuang mobiliza paradigmas tradutórios para evidenciar a impossibilidade da equivalência perfeita e para representar a tradução como prática atravessada por escolhas, perdas semânticas, disputas culturais e relações de poder e que não cabe no processo de traduzir, a adoção de modelos prescritivos, uma vez que é demonstrado, nas discussões dentro da narrativa, as nuances que tornam a tradução imperfeita bem como sua realização.

Palavras-chave: Tradução; equivalência; linguagem; cultura; magia

ABSTRACT

This study investigates which theories or paradigms of translation are present in R. F. Kuang's historical fantasy *Babel, or the Necessity of Violence*, analyzing how concepts such as equivalence, untranslatability, distortion, domestication, and foreignization contribute to the construction of the novel's magical system and to the characterization of its protagonists as translators within Babel's academic and colonial context. The theoretical framework relies primarily on Pym (2017), in dialogue with scholars such as Nida (1964), Vinay and Darbelnet (1958 apud Pym, 2017), Vermeer and Reiss (1984), Venuti (1995), and Barbosa (1990). Methodologically, the research is bibliographic, qualitative, and explanatory, based on the interpretive analysis of passages in which translation emerges as a technical practice, a magical element, and an ideological instrument. The analysis suggests that Kuang mobilizes translation paradigms to underscore the impossibility of perfect equivalence and to represent translation as a practice shaped by choices, semantic losses, cultural disputes, and power relations. It further argues that prescriptive models are inadequate to the act of translating, since the narrative itself demonstrates the nuances that render translation imperfect as well as its contingent realization.

Keywords: Translation; equivalence; language; culture; magic

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1. As teorias da equivalência e seus significados	8
2.2. Skopos theory: Os propósitos de cada tradução	11
3. METODOLOGIA	14
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	16
4.1. A fantasia histórica Babel: Or the Necessity of Violence	17
4.2. A tradução como transposição entre línguas e culturas	18
4.3. A fidelidade como ponto de divergência na tradução	20
4.4. A escolha do tradutor como determinante da tradução	23
4.5. A distorção inevitável presente na tradução	24
4.6. O processo técnico de confecções das barras	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1 INTRODUÇÃO

Da interpretação bíblica do termo hebraico *bālal*, o nome Babel carrega a ideia de misturar ou confundir e está relacionada ao mito que narra o castigo divino recebido pelo antigo povo da Planície de Sinear, região da Mesopotâmia, após um rompante de arrogância em que decidem construir uma torre para chegar aos céus. A blasfêmia é punida por Deus com a confusão das línguas entre as pessoas que antes se comunicavam no mesmo idioma e passam a não se compreender mais, ou seja, a fragmentação das línguas transforma profundamente o processo de comunicação humanamente já construído e estabelece ironicamente uma barreira entre aqueles que um dia se uniram para criar juntos a conexão com o divino. Segundo a Bíblia, dito pelo criador, “Vejam se isto é o que eles já são capazes de fazer; sendo um só povo, com uma só língua, não haverá limites para tudo o que ousarem fazer. Vamos descer e fazer com que a língua deles comece a diferenciar-se, de forma que uns não entendam os outros.” (Gênesis 11:6-7)

No texto bíblico, a decisão tomada pelo ser divino está relacionada ao poder que ele acreditava ser capaz de surgir de um povo que estivesse conectado pela linguagem e fortalecido através da mesma percepção de mundo. O castigo seria a distância criada entre eles após o estabelecimento de uma diferença comunicativa, diferença essa em alguns contextos vista como intransponível. Considerado um termo originário, *Babel* representa o momento em que foi necessário aprender a transpor uma barreira para compreensão do mais básico do outro: o falar. A passagem desses dizeres e, por conseguinte, da cultura configura-se para a maioria como *tradução*. O mito significa, então, o surgimento da reprodução ou transferência de significados de um sistema linguístico para outro.

Não distante dessa perspectiva, quando se pensa na origem latina do verbo traduzir, *traducere*, retoma-se a ideia de passagem de um lado para o outro e, desde então, esta concepção foi aperfeiçoada como um processo de conexão entre diferentes sistemas, utilizada para diferentes propósitos e servindo como forma de atravessar diferentes culturas como pensa Geir Campos em seu trabalho *O que é tradução* (1986). Essa transferência, contudo, esbarra em tantos aspectos para se tornar real que podemos visualizar esse processo como vetores de uma elaborada teia de aranha, com diversos fios como possibilidades de traduções tecidas através de diferentes aspectos a serem considerados. A transposição de uma língua para outra dificilmente será atendida de forma mecânica apenas com um procedimento de

substituição de uma palavra por outra, o que significa que mesmo o conceito inicial da tradução depende de fatores externos, e analisar o empenho e métodos utilizados pelo tradutor para conduzir à passagem da cultura em forma de linguagem de um lado para outro leva os estudiosos da história antiga até hoje a diversas teorizações em busca de regras comuns que expliquem as variações e que elucidem a busca pela transposição perfeita de uma língua a outra.

O encontro de diferentes línguas, distantes ou próximas, sempre irá envolver algum aspecto a tradução, ainda que de forma inconsciente, e as teorias propostas pelos estudiosos acerca desse processo estão presentes em toda a história, mesmo que o responsável por estabelecer essa conexão não esteja ciente disso. O ato de traduzir compreende o contato entre sistemas linguísticos e identidade de um povo, pois torna possível considerar tudo que é externo na transferência de sentidos entre as línguas e a profundidade do alcance em uma tradução para superar a separação da humanidade, como descrito nas escrituras hebraicas

Considerando-se o exposto como tradução e os desdobramentos advindos do contato e transferência entre sistemas linguísticos nos parágrafos precedentes, o objetivo deste trabalho é investigar quais paradigmas ou teorias da tradução podem estar em funcionamento na fantasia histórica *Babel, or the Necessity of Violence* escrita pela autora sino-americana Rebeca F. Kuang, analisando de que modo conceitos como equivalência, intraduzibilidade, distorção, domesticação e estrangeirização contribuem para a construção do sistema de magia do romance e para a caracterização dos personagens enquanto tradutores no contexto acadêmico e colonial de Babel. Para atingir a referida meta, foi realizada uma investigação na obra para seleção dos trechos cabíveis à aplicação das teorias da tradução mais comuns e realizada a comparação entre as percepções reais e fictícias desses paradigmas. Além disso, o enredo atende a análise do contexto do livro para sistematização da abordagem da tradução seguida na história.

O romance, que tem como um de seus temas principais o trabalho da tradução como ferramenta de poder, acompanha um órfão chinês que ainda criança é levado de Cantão para Londres por um misterioso acadêmico que lhe impõe uma realidade onde sua dedicação e aquisição de habilidades linguísticas serão o preço para sua sobrevivência. Essas habilidades serão exercidas no prestigiado Real Instituto de Tradução da Universidade de Oxford, conhecido como Babel, nomenclatura não indiferente ao mito bíblico citado anteriormente neste trabalho. Situada no século XIX no que seria o auge do Império Britânico - o prédio

fictício de Oxford abre espaço para que alunos de diferentes origens étnicas sirvam ao império com suas competências tradutórias com línguas como mandarim, cantonês, o hindu e o árabe buscando estabelecer a conexão entre línguas um dia separadas.

No que tange aos autores que serviram de fundamentação teórica, destaca-se Pym (2017) cujo trabalho reúne os paradigmas de destaque da tradução no ocidente como as teorias propostas e discutidas por Nida (1964), Vinay e Darbelnet (1958 *apud* PYM, 2017) Reiß & Vermeer (1984), Toury (2012) e Venuti (1995). A contribuição desses autores na percepção da tradução, especificamente na equivalência, atende a análise do romance selecionado para discussão.

No que diz respeito à organização, este artigo tem, além desta seção introdutória, a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos, a análise de dados subdividida em segmentos que abordam diferentes teorias da tradução e sua presença na fantasia, as considerações finais e, por fim, as referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história e todo o processo de tradução foram construídos ao redor de inúmeras teorias de como realizá-la da maneira mais adequada e superar os problemas tais como a perda de sentido e alterações gramaticais, que evoluíram de discussões para desacordos que culminam na definição de paradigmas oficiais que determinam os pormenores da tradução. Os conceitos e objetivos da tradução chegam a alguns consensos dentro da comunidade, mas abrem margem para diferentes posicionamentos, o que significa que os debates podem levar à revolução e definição de um dos ideais compartilhados como aquele que guiará o tema, a escolha de caminhos separados ou até mesmo nenhuma conclusão.

As concepções da tradução utilizadas neste trabalho foram apresentadas a partir da leitura de *Exploring Translation Theories*, de Anthony Pym (2017), volume abrangente das principais correntes contemporâneas da tradução ocidental, bem como o material didático elaborado para a disciplina de Teoria da Tradução por Heloisa Gonçalves Barbosa, *Procedimentos Técnicos da Tradução* (1990), construída em torno dos conceitos, modelos e técnicas de tradução dos teóricos que fundamentaram a tradução como é percebida atualmente. Essa gama de paradigmas também é trabalhada na Coleção Primeiro Passos,

intitulada *O que é tradução* (1986) escrita por Geir Campos, contribuindo para a análise das teorias e seu desenvolvimento.

2.1 As teorias da equivalência e as noções de significado

Inicialmente, Pym apresenta ao leitor os princípios básicos do que seria conhecido como equivalência entre línguas e como, a partir da complexidade de visões deste conceito, surgem conflitos na consideração do trabalho do tradutor. Esse conflito entre a existência da equivalência na tradução - ou seja a ideia de transpor perfeita e fielmente a mensagem e significado de uma língua para outra - é o que fundamenta a maioria das divergências e discussões apresentadas na reunião do autor.

As teorias da equivalência foram utilizadas nesse trabalho para estabelecer a relação concebida entre a língua de partida e a língua de chegada. Os diferentes tipos de equivalência abordados por Pym são posicionados em discussões linguísticas fundamentadas nas discussões linguísticas da época, como o estruturalismo, que influenciava diretamente os debates entre os teóricos da tradução.

Procedimentos defendidos por teóricos e linguistas como Eugene Nida em *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*, onde há destrinchamento do que é concebido como significado e a conceituação do que seriam as equivalências formal e dinâmica, buscam identificar categorias universais e comparar os sistemas da língua-fonte e da língua-alvo, bem como o quadro de procedimento criado por Jean-Paul Vinay & Jean Darbelnet (1958, apud 2017), exemplificam a forma como essa transposição e a luta pela manutenção do significado permeava as primeiras teorias acerca do processo de tradução. Pym (2017) consegue reunir cronologicamente uma seleção representativa de teóricos relevantes para a discussão na tradição ocidental e apresenta como cada teoria se apresentava dentro do contexto de visão de mundo que se tinha da linguagem.

Existe uma ideia de naturalidade presente nas primeiras noções de equivalência que não se refere necessariamente à fidelidade em sua totalidade mas sim ao alcance de um termo na outra língua que corresponda pelo menos à noção contida na língua original. O estruturalismo, marco inicial do sistema de signos como definição da língua apresentado pelo linguista suíço Ferdinand Saussure em sua obra *Curso de Linguística Geral*, publicada originalmente em 1916, tornou mais complexa a concepção da língua pois se existia uma diferenciação entre a forma como o falante concebia o mundo a depender de sua linguagem,

como seria possível garantir que diferentes visões de mundo fossem traduzíveis para outras e como os tradutores seriam capazes de transferir isso de um sistema linguístico para outro?

Para responder essas perguntas, as teorias da equivalência foram sofisticadas a fim de sistematizar e demonstrar teoricamente o trabalho que já era realizado na prática. Para Saussure, o 'valor' de um termo seria determinado por suas relações diferenciais no interior do sistema linguístico (*langue*) e *parole* referia-se ao uso concreto da língua, dessa forma embora as estruturas linguísticas variassem entre sistemas, seria possível estabelecer equivalências no plano do uso (*parole*) quando as duas línguas fizessem referência a realidades extralinguísticas compartilhadas.

Esse entendimento sobre a possibilidade esbarra no grande obstáculo da tradução, pois caberia ao tradutor o minucioso trabalho de selecionar as palavras que fariam jus a essa transferência de significado de uma língua para outra e os procedimentos para manutenção dessa equivalência deveriam considerar que o valor da mensagem não necessariamente encontraria pares perfeitos, tornando necessário escolher entre a transposição da mensagem em algum nível específico: formal quando o tradutor escolhesse priorizar a estrutura e vocabulário ou com o foco funcional para maior clareza e naturalidade. Caso não fosse possível encontrar um equivalente – termo natural disponível que representasse em todas as esferas de ambas as línguas a mesma coisa, restaria ao tradutor, fazer o melhor para encontrar um que se aproximasse ao máximo e garantisse a transposição da mensagem.

A exemplo dessa busca, o trabalho de dois acadêmicos franceses, Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, que exploraram os aspectos linguísticos da tradução a fim de examinar as diferenças entre duas línguas para melhor compreensão de ambas através da tradução, apresentam pelo menos sete procedimentos que um tradutor pode seguir para alcançar equivalência entre duas línguas em seu quadro de métodos: *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction* (1958 apud PYM, 2017). Neste quadro as possibilidades vão desde o empréstimo com a manutenção do termo na língua original, passando pela transferência mais básica, aquela tradução que apesar de permitir mudanças no léxico desde que se mantenha o sentido, até a adaptação com a criação de uma nova situação cultural quando a referência original não faz sentido na cultura de chegada.

Os procedimentos apresentados pelos teóricos evoluem do nível mais literal, próximos do texto original até a completa recriação quando se considera que o resultado do texto final permite “radicalismos” para a proximidade do texto na língua alvo. Fica claro a partir desse e

de outros exemplos que se seguiram que os teóricos consideram como certo a necessidade de conceituar e estruturar os procedimentos pertinentes ao processo de traduzir, porém nem sempre era possível identificar a escolha mais feliz para cada sistema linguístico.

Com os procedimentos reunidos por Vinay e Darbelnet, as escolhas pressupõem que o tradutor seleciona o tipo de equivalência mais apropriado para o texto que está trabalhando, ou seja, se manterá como prioridade a função, sentença, termo ou o nível mais básico do morfema. Essa percepção retorna a visão de mundo presente nas teorias linguísticas, pois se a busca por termos equivalente e mais especificamente pela naturalidade entre os selecionados é possível nessa transferência, assume-se que existe algo intrínseco presente na realidade de duas línguas a que ambas façam referência, seria como dizer que existe um mesmo objeto ou sentimento tangível para dois povos falantes de diferentes línguas e que objetivo do tradutor seja encontrar os dois termos perfeitos em ambas as línguas que façam referência a ele. Entretanto, é necessário reconhecer que apesar da riqueza específica e cultural de cada língua, elas categorizam e descrevem experiências de maneira distinta e a inserção de novas formas de pensamento por meio de tradução não se equipara a equivalência natural que está relacionada ao referencial de um conceito já existente nos dois sistemas linguísticos, ou pelo menos ideais que possam ser comparados em algum nível relevante.

Segundo o teórico tcheco Jiří Levý (1967/2004 apud Pym, 2017), a estratégia de adaptação do texto de forma profunda a ponto de impedir o reconhecimento da tradução por parte do leitor é considerada uma tradução *ilusória*, ao passo que manter aspectos do texto original que permitam a identificação do distanciamento entre as línguas seria *anti-ilusória*. Outros teóricos apresentados por Pym (2017) propuseram dicotomias semelhantes como Juliane House, que definiu a primeira como uma tradução *encoberta* e a segunda como *manifesta*, além de Chrstiane Nord que acreditava que as traduções podiam funcionar como um documento, ser uma representação explícita do texto original ou como um instrumento de comunicação.

Seguindo a mesma linha de pensamento, J.C. Catford (1965 apud Pym, 2017) considera essas mudanças como afastamento da concordância formal, ou seja, a decisão do tradutor entre manter a função, forma, valor semântico e convenções de gênero implica esse afastamento. Se pressupõe que pares perfeitos são raríssimos entre sistemas linguísticos distantes, quando o tradutor tenta priorizar um aspecto (como a preservação da forma) em detrimento de outra (significado), a ausência se concretiza. Embora a ideia de equivalência

natural tenha sido posteriormente criticada por outras abordagens, Pym (2017) destaca sua importância histórica e teórica, argumentando que os paradigmas subsequentes podem ser compreendidos como respostas a ele e que as noções iniciais defendidas mantêm seu valor.

Outro conceito pertinente ao cenário é a equivalência direcional. Enquanto a natural pressupõe uma tradução bidirecional em que o texto pode ser traduzido e retraduzido, retornando ao sentido original, a direcionalidade defende a assimetria das escolhas do tradutor, ou seja, não existe a obrigatoriedade no retorno ao texto original uma vez que os termos escolhidos foram de cunho específico e seguiram uma direção específica.

Se é correto afirmar que existe uma escolha em detrimento de outra na hora da tradução, essa escolha gera uma perda em algum dos níveis da linguagem. Então não se pode garantir que entre uma língua e outra, irá existir fielmente a transposição uma vez que em algum aspecto existirá uma diferença, que pode ser considerada uma distorção, quando algum aspecto do texto original é alterado no texto de chegada. Isso acontece devido às limitações cognitivas, diferenças culturais, ou escolhas estilísticas e pode se sustentar pelas perdas, acréscimos ou reescrita a partir da interpretação de quem traduz.

2.2 Skopos Theory: Os propósitos de cada tradução

A centralidade da equivalência, entretanto, foi questionada por outros teóricos partindo da concepção que nenhum texto é neutro e possui um valor idêntico a outro, por isso a evolução da discussão apontada por Pym segue até o surgimento da *Skopos theory* na década de 1970 por Hans J. Vermeer e Katharina Reiss com o deslocamento do foco da equivalência linguística para o propósito comunicativo, nesse caso o que guiaria a tradução seria a função do texto. Essa abordagem ficaria conhecida como o paradigma que marcou o início das teorias funcionalistas, seus processos e o poder de decisão nas mãos do tradutor. A Teoria do Escopo é uma abordagem que define o propósito da tradução acima da fidelidade literal ao texto original e é amplamente discutida pelos personagens no ambiente de formação de tradutores. Esse propósito está relacionado ao contexto específico da tradução e é diretamente influenciado pelo público-alvo do texto que pode ser traduzido com mais de um objetivo a depender de cada seção.

O funcionalismo, defendido por Vermeer, tem um potencial tanto pedagógico quanto estratégico, visto que o resultado sendo influenciado pelo objetivo final, o tradutor é quem

deve traçar a estratégia de tradução. Ao contrário das teorias que focam nos sistemas linguísticos e na capacidade de relação entre eles, esta volta-se para o trabalho essencial dos tradutores o que abre espaço para discussões sobre o papel do cliente ou agente que encomenda a tradução, e sobre como a tradução pode ser moldada para servir a interesses imperialistas, nos campos linguístico, cultural e econômico. Nesse caso, questiona-se para onde a fidelidade do tradutor estaria direcionada e quais limites éticos devem ser posicionados para garantir a integridade cultural do texto original, com o estabelecimento de uma relação de lealdade entre o autor, o tradutor e o leitor do texto. Para a teoria do escopo, o tradutor não deve contradizer as intenções do autor, entretanto essa intenção é passível de interpretações em muitos casos e os objetivos do autor e do tradutor podem ser diferentes. Dentre esses pontos, levantados por críticos, a teoria acrescenta que a fidelidade atende ao princípio comunicativo e vê a tradução adequando-se aos fins da ação de diferentes culturas.

Escrito pelo estudioso israelense Gideon Toury, o livro *Descriptive Translation Studies and Beyond* (2012) se constitui de forma eminentemente teórica em seus estudos descritivistas, defendendo que a melhor forma de analisar os textos traduzidos seria enxergá-los e ao seu material de origem como conjuntos de sistemas cultural e literário e as diferenças estruturais entre eles como estruturas específicas, diferenciação essa descrita como normas de tradução.

Para Toury, era um erro que os estudos de tradução partissem apenas do texto original quando a cultura-alvo determinava a necessidade de tradução, o que demonstra ênfase semelhante à *Skopos Theory*, com uma defesa de uma abordagem alvo-orientada (*target-oriented*). Os descritivistas, além das tradicionais preocupações quanto à concepção de tradução, investigavam quais caminhos levaram à adoção de estratégias e quais aspectos externos como fatores socioculturais, restrições e normas podem ajudar a mapear os mecanismos que facilitem a recepção do texto em uma nova cultura. Com o deslocamento do foco das discussões anteriores relacionadas à capacidade de manter fielmente o sentido do original, os estudos propostos nesta abordagem se voltam para determinar qual espaço essa tradução ocupa no novo sistema linguístico em que foi inserida e como esse encaixe é realizado ainda mantendo a adequação ao texto-fonte e aceitabilidade na cultura-alvo.

Identificar padrões para mapeamento do comportamento tradutório em determinada cultura era uma das propostas do descritivismo, assim se torna possível analisar sob quais parâmetros o tradutor trabalha para alcançar o texto mais aceitável. Embora o descritivismo

considere como relevante o resultado final do trabalho do tradutor, os questionamentos tradicionais sobre a transposição de sentido são reformulados para investigação das normas, comportamentos e funções sociais.

Por fim, Pym chega ao ponto crucial sob o qual se torna inevitável ao se falar de transposição de um elemento de uma língua para outro: o conceito de “tradução cultural” é abordado como a aquela que ampliou as discussões com a inclusão de termos como imigração, hibridismo cultural e conceitos como domesticação e estrangeirização conforme interpretação e resgate de Venuti dos conceitos apresentados por Friedrich Schleiermacher.

A formulação da dicotomia entre a “domesticação” ou adaptação do texto original para familiarização e transparência ao leitor, contendo certo grau de apagamento das diferenças culturais e a estrangeirização com a manutenção das particularidades linguísticas, forçando o leitor a reconhecer a existência não somente do tradutor, mas das diferenças linguísticas e culturais entre o texto-fonte e o texto-alvo. Essas abordagens são mais claras quanto aos aspectos éticos e ideológicos que permeiam os paradigmas da tradução e atendem de maneira relevante à análise da fantasia histórica de Kuang (2022) escolhida como objeto de estudo uma vez que o livro aborda diretamente os impactos do poder imperialista sobre a cultura dos povos colonizados e mais especificamente sobre a invisibilidade dos tradutores e o seu trabalho frente às diferenças linguísticas.

Essas teorias perpassam a ideia de presença do tradutor no texto, o ideal seria uma tradução em que não fosse possível identificar a presença do tradutor, ideia essa destacada por Hattnher (1994) em seu trabalho *Tradução e Identidade: O tradutor como transmorfo* de como “invisibilidade compulsória”. A multiplicidade de identidades que um tradutor assume é além do autor, de si próprio, por isso os textos traduzidos possuem traços e materializações adicionais de sua voz. Essa marca deixada pelo tradutor em certa medida revela sua própria percepção de linguagem e do conteúdo do texto, pois a responsabilidade pela transferência de significado exige uma escolha que reflete o pessoal. Com todas as teorias propostas e procedimentos propostos, o tradutor deve optar entre se “apagar” do texto em nome da tradução formal ou expressar sua co-autoria do texto e definir em qual extremo desse espectro ele se posiciona: se acredita que o valor de uma tradução estaria na fidelidade ao autor ou na mediação cultural.

Dado a projeção de discussões e abordagens em que estão alocados os conceitos de equivalência, os objetivos da tradução e a influência de aspectos externos no desenvolvimento

de teorias, torna-se evidente que o trabalho do tradutor está intrinsecamente relacionado às identidades e ideologias em que se insere.

3 METODOLOGIA

Considerando-se Gil (2002), esta pesquisa é de natureza explicativa e com abordagem qualitativa, uma vez que busca identificar e interpretar os paradigmas da tradução presentes na obra ficcional. De caráter bibliográfico cujo trabalho é desenvolvido a partir de fontes como livros, artigos e outros publicados que servem à análise dos posicionamentos acerca do problema abordado. O levantamento bibliográfico preliminar foi desenvolvido a partir da escolha da literatura ficcional que serviria de objeto de análise do tema e culminou na seleção dos referenciais teóricos pertinentes à discussão proposta, ou seja, foram utilizados estudiosos e suas teorias para análise da construção da obra escolhida, o que caracteriza a abordagem analítico-crítica do trabalho.

O livro de leitura corrente selecionado foi a fantasia histórica *Babel: or the necessity of violence* da autora sino-americana Rebecca Kuang Babel, cuja narrativa apresenta aspectos do gênero *dark academy* por sua ambientação no universo acadêmico dos tradutores – com a presença de elementos mágicos que cabem ao estilo da autora em questão. O romance também pode ser classificado como ficção especulativa, por sua ruptura com a realidade estrita e crítica social.

A escolha desse livro justifica-se pelo enredo voltado justamente para a formação de jovens tradutores e o processo como parte fundamental da sociedade e reflexo de ideologias vigentes. Alternando entre linguagem acadêmica, notas de rodapé e explicações etimológicas, a obra constrói essa discussão através de narrativa literária que apresenta ao leitor uma nova maneira de enxergar o tradutor e demonstra de forma clara que o trabalho, frequentemente considerado invisível, perpassa inúmeras camadas até o cotidiano da comunicação.

Quanto à estrutura narrativa do livro considera-se a divisão entre momentos-chave do enredo: Na primeira metade do livro, o protagonista Robin Swift é retirado de sua realidade em Cantão e inserido em um ambiente de aprendizagem e aperfeiçoamento linguístico no Império Britânico. Após uma juventude voltada aos estudos de línguas, é enviado para a Universidade de Oxford onde conhece seus companheiros do período. Dois deles oriundos das colônias como ele e com histórias parecidas: o questionador Ramiz Rafi Mirza (Ramy como é chamado), um indiano de Calcutá, e Victoire Desgraves, haitiana com excelente

domínio do francês. Além desses, o jovem chinês também passa a conviver com Letty Price, cidadã inglesa que se mostra como contraponto aos outros e funciona na narrativa como o tradutor assimilacionista. Nesse contexto inicial, a academia determina quais ideologias e conceitos relacionados são aceitos e utilizados para realização do processo de tradução, estes apresentados pelo Chefe do Instituto Real de Tradução em Oxford, Professor Playfair, que acompanha os estudantes. Para esse momento inicial as teorias apresentadas por Anthony Pym foram relacionadas de forma direta para identificar quais dos paradigmas são referenciados na narrativa, ainda que não citados diretamente, considerando o universo ficcional.

Na segunda metade do enredo, os questionamentos suscitados pelos aspectos políticos do trabalho dos tradutores na história instigam discussões a respeito das funções linguísticas e como isso influencia a relação de poder na transposição das línguas e cultura. Esse confronto é personificado através do professor Richard Lovell, que como guardião de Robin, é a face do imperialismo autoritário, racista e violento que se utiliza da linguagem para reforçar a supremacia britânica. Outros personagens secundários se dividem entre aqueles afetados e os beneficiados pelo poder que a tradução confere ao Império, tornando a transposição entre as línguas o alicerce fundamental daquele mundo.

Para identificar as dimensões da tradução abordadas no livro e a quais teorias estavam ligadas, foi realizada a leitura exploratória de diversos teóricos do campo da tradução para determinação do material que de fato servirá a pesquisa com a seleção daquilo que contribuirá para discussão do tema. Para este trabalho a leitura analítica consistiu na seleção dos trechos em que a tradução foi abordada como um procedimento técnico e os momentos em que foi realizada alguma reflexão sobre esse processo como parte do sistema de magia e da crítica colonial. Após essa seleção, a leitura interpretativa permitiu o cruzamento dos excertos selecionados com as teorias da tradução existentes para identificação de qual ideologia subjacente à abordagem da autora nos momentos de tradução técnica, quando as personagens estão ativamente realizando-a e nos momentos de reflexão sobre o processo. Essas teorias foram apresentadas aqui em seções temáticas, bem como sua influência no desenvolvimento de personagens.

Foram analisados de forma específica trechos do romance em que os personagens discorrem diretamente sobre o processo de tradução e quais concepções eles parecem utilizar para se guiar. Estabelecida a relação entre os teóricos reais selecionados e sua presença na

obra da autora, conclui discutindo a influência das teorias identificadas no enredo da história, na construção dos personagens e na crítica tecida.

Como base teórica dessa pesquisa, o volume *Exploring Translation Theories* traz como um dos principais eixos da história das teorias da tradução, o debate em torno da equivalência ou sua inexistência. Desde os aspectos morfológicos até a cultura intrínseca ao processo de traduzir, a capacidade de transpor fielmente o significado entre as línguas em questão se torna paradoxo amplamente discutido entre os estudiosos e é sob essa perspectiva que o livro *Babel* será analisado, uma vez que os aspectos fantásticos criados pela autora também se baseiam na discussão entre a possibilidade de encontrar o equivalente perfeito entre dois sistemas linguísticos e a perda de significados quando isso não é possível. Dentre os recortes discursivos selecionados, a exploração da temática envolverá primeiro a apresentação da percepção hegemônica apresentada inicialmente da tradução e posteriormente explorar os questionamentos que surgem a partir do aprendizado dos personagens principais.

A formação dos tradutores e as decisões que precisam tomar a partir da sua bagagem cultural e visão de mundo serão analisadas à luz do que Pym apresenta como relevante para a adoção de diferentes teorias. Leva-se em conta, ainda, o posicionamento do autor de não invalidar teorias que não sejam integralmente aplicáveis. Por fim, o trabalho buscará estabelecer uma ponte entre o significado de tradução apresentado no livro e as teorias expostas por Pym em sua coletânea de paradigmas. Como essas teorias servem ao enredo criado pela autora e quais críticas podem ser consideradas pertinentes às concepções tradicionais da tradução são algumas das perguntas norteadoras da pesquisa.

Para cada trecho selecionado, foi realizado um trabalho interpretativo para identificar a qual paradigma poderia estar presente na percepção e como essa abordagem serviria ao enredo da história. As teorias da tradução são apresentadas dentro do romance, primeiro de forma dogmática e posteriormente com questionamentos que também estão presentes nos trabalhos dos teóricos aqui utilizados como referência.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção está organizada em seis segmentos. Cada um deles é dedicada à análise de trechos em que as falas, ações e reflexões dos personagens podem ser relacionadas aos paradigmas da tradução apresentados por Anthony Pym.

4.1 A fantasia histórica Babel: Or the Necessity of Violence

Publicado no Brasil no início de 2024 com tradução de Marina Vargas, em *Babel, ou a Necessidade de Violência*, o leitor é apresentado à realidade em que o jovem Swift foi inserido, onde o poder colonial é fortalecido pelo uso de barras de prata encantadas através da inscrição de palavras traduzidas no metal - elemento que constitui o aspecto fantástico do romance. Compreende-se então, como as crianças são removidas de sua terra natal e cultura assim que demonstram aptidão linguística, para servir ao império com lealdade forjada por anos de servidão. O poder cultivado nas barras de prata servia ao império com diferentes utilidades, desde fins ordinários até armamento de guerra e exigia manuseio por indivíduos capazes de compreender nativamente a língua utilizada no processo de encantamento, daí a necessidade de “recrutamento” (na prática coação) de jovens estrangeiros.

A autora, mestra na área de Estudos Chineses por Cambridge e em Estudos Chineses Contemporâneos por Oxford, tendo concluído seu doutorado em Literatura e Línguas do Leste da Ásia por Yale, utiliza o aspecto histórico e os elementos fantásticos para apresentar seu posicionamento acerca da tradução como instrumento do colonialismo britânico e sua percepção acerca dos aspectos das línguas. O fantástico é utilizado como um dos elementos principais da narrativa contribuindo para a criação de uma sobreposição entre a magia e a linguística.

No livro aqui abordado, a tradução é apresentada como tema central e principal motor para o desenvolvimento do enredo. No universo sociopolítico desenvolvido pela autora, o trabalho dos tradutores é o que permite o funcionamento das mais variadas engrenagens no Império Britânico. A linguagem não é somente considerada ponto crucial do desenvolvimento humano, mas também serve como ferramenta de conquista sobre outros povos. A escrita da história permite ao leitor encarar a tradução sob duas facetas: de um lado seu aspecto mais técnico atende ao avanço de atividades econômicas por meio de magia, como se o tradutor no seu processo dominasse feitiços para aperfeiçoamento da vida corriqueira. A outra abordagem apresenta a tradução como um processo social, tudo a que se refere perpassa por elementos culturais, etnográficos e políticos - inclusive a formação de novos tradutores, ligada às ideologias vigentes. Essas duas perspectivas, é claro, dialogam entre si dentro da história uma vez que a autora demonstra que o ato de traduzir considera o externo (sociais, políticos) e interno (linguísticos, técnicos) da sociedade e seu procedimento no sentido mais literal é profundamente influenciado por esses.

4.2 A tradução como transposição entre línguas e culturas

Para analisar de que forma as teorias da tradução contribuem na construção do romance, destaca-se a forma como a tradução em si é vista na obra de Kuang. Nessa perspectiva, a linguagem é concebida, antes de tudo, como uma expressão cultural de alto nível e conhecer a linguagem significa o acesso a essa nova cultura, como se a habilidade de compreender línguas além da nativa abrisse um leque de possibilidades para um novo mundo. Como citado anteriormente na apresentação de uma visão judaico-cristã do surgimento de diferentes línguas, a transferência de mensagens passa a ser exigida no contato entre seres humanos. Da mesma forma, as personagens compreendem a tradução justamente como essa possibilidade de transitar entre diferentes mundos e reconectar essas culturas um dia separadas. Isso se torna perceptível pela visão que dialoga diretamente com as teorias iniciais da tradução.

A linguagem era apenas diferença. Mil maneiras diferentes de ver e de se mover pelo mundo. Não; mil mundos dentro de um. E a tradução, um esforço necessário, ainda que fútil, de transitar entre eles. (Kuang, 2022, p.582)

Essa ideia de acesso a outros sistemas linguísticos permanece desde o início do livro, com o primeiro contato das personagens com outras línguas até o final da história com o pleno e definido conhecimento do que é tradução. O trecho acima, presente no último capítulo do romance, revela o pensamento de Robin acerca do poder da linguagem e a capacidade de transposição entre as culturas que foi perdida.

A percepção, de transição entre as línguas, contida no livro como verdade para os personagens, instiga questionamentos quanto à eficácia do processo e isso leva a discussão sobre equivalência, que pressupõe que em algum nível, o texto final terá o mesmo valor do texto inicial: seja no nível da forma ou no âmbito referencial – quando referenciando ao mesmo extralinguístico. Apesar das discussões a respeito da verdade por trás dessa afirmação, a busca por essa correspondência é frequentemente apresentada como ideal da tradução.

Afinal, a palavra latina *translatio* significa “transportar para o outro lado”. A tradução envolve uma dimensão espacial, um transporte literal de textos através de territórios conquistados, palavras entregues como especiarias vindas de uma terra estrangeira. (Kuang, 2022, p.582)

Quando os jovens chegam em Oxford, podem se considerar políglotas talentosos, uma vez que sua educação foi elevada ao nível mais alto desde a tenra idade para o objetivo dos seus guardiões, porém são apresentados a uma realidade mais complexa dentro do mundo da tradução: da intraduzibilidade e perda de sentido. No contexto da história, os tradutores são de suma importância para o Império pois são capazes de feitos notáveis usando barras de prata encantadas. As línguas são consideradas uma especiaria como dito no trecho, uma importação valiosa para o funcionamento do Império.

A essência mística das barras funciona da seguinte maneira: uma palavra é escrita de um lado da barra e no outro o tradutor deve inscrever uma palavra em outra língua que seja correspondente, mas que abra margem para alguma interpretação ou sentido extra, isso quer dizer que a palavra escolhida deve ser uma equivalente, mas não perfeita. Isso se sustenta pela lacuna existente entre os equivalentes lexicais e, considerando que entre sistemas linguísticos e culturas diferentes, existe algum ponto de perda conforme explicado nas primeiras aulas pelo professor Playfair:

- Não estão de todo errados. De fato, há algo de especial na prata que a torna um veículo ideal para o que fazemos. Gosto de pensar que ela foi abençoada pelos deuses, afinal é refinada com mercúrio, e Mercúrio é o deus mensageiro, não é? Mercúrio, Hermes. A prata não teria então um vínculo inextricável com a hermenêutica? Mas não, não sejamos tão românticos assim. Não, o poder da barra de prata está nas palavras. Mais especificamente, na parte das línguas que as palavras não são capazes de expressar, aquilo que se perde quando passamos de um idioma a outro. A prata captura o que foi perdido e manifesta sua existência. (Kuang, 2022, p.100)

Nessa passagem, Playfair articula a base teórica do sistema de magia: a prata, por si só, não é poderosa, mas porque 'captura' o que se perde na tradução. A referência a Hermes e à hermenêutica sugere que a tradução é, antes de tudo, uma arte interpretativa — e que a perda é parte do processo.

Tudo relacionado ao poder dos pares de prata está fundamentado no princípio de transferir o sentido de uma língua para a outra, pressupondo que nessa manifestação haverá perda de significado, realidade reconhecida por Nida em *Toward a Science of Translating* (1964) como um desafio central da tradução. Dado que duas línguas não podem ser iguais, compreende-se que os significados estabelecidos como correspondentes em traduções, ainda que próximos, não podem ser idênticos. Considerando a natureza da mensagem a ser

traduzida, o propósito da mensagem e o público a recebê-la, toda a visualização dessa transferência se torna mais complexo.

- O princípio básico subjacente ao trabalho com a prata é a intraduzibilidade. Quando dizemos que uma palavra ou expressão é intraduzível, o que queremos dizer é que não existe um equivalente preciso em outro idioma. Mesmo que seu significado possa ser parcialmente apreendido por meio de palavras ou frases, algo ainda se perde, algo que cai em lacunas semânticas que são, é claro, criadas por diferenças culturais na experiência vivida. (Kuang, 2022, p.182)

Essa perda não implica necessariamente a impossibilidade de traduzir, mas confirma que mesmo a tradução mais próxima, não consegue captar integralmente todas as nuances culturais, históricas ou afetivas de um termo. Para Nida, essa perda deve ser compensada para garantir o melhor trabalho, para o Instituto de Tradução em Babel, ela é essencial e deve ser celebrada como forma de projetar o aspecto semântico perdido e criar magia.

4.3 A fidelidade como ponto de divergência na tradução

Os níveis de tradução também são discutidos em sala de aula pelos personagens, a possibilidade de manter como prioridade à estrutura formal das línguas e à literalidade dos termos entra em choque com a necessidade de adequações ao texto para melhor identificação e compreensão no leitor final.

“Uma língua não existe como uma nomenclatura para um conjunto de conceitos universais - continuou o professor Playfair. - Se fosse assim, a tradução não seria uma profissão altamente especializada, bastaria colocarmos uma turma inteira de calouros inexperientes sentados diante de dicionários e teríamos as obras completas do Buda em nossas prateleiras em um piscar de olhos.” [...]

-Palavra por palavra - disse Letty prontamente - E sentido por sentido.

-Muito bem - elogiou o professor Playfair. - Esse é o dilema. Tomamos as palavras como nossa unidade de tradução ou subordinamos a precisão das palavras individuais ao espírito geral do texto?

-Eu não entendi - Falou Letty - A tradução fiel de palavras individuais não deveria produzir um texto igualmente fiel?

-Seria assim - disse o professor Playfair - se, mais uma vez, as palavras existissem em relação umas às outras da mesma maneira em todas as línguas. Mas não é assim. [...] não devemos apenas traduzir cada palavra por si só, mas sim evocar o sentido de como elas se encaixam na passagem como um todo. No entanto, como podemos

fazer isso se as línguas são na verdade muito diferentes? [...] Traduzir palavra por palavra é simplesmente inadequado. (Kuang, 2022, p.126-127)

Esse trecho reflete a influência que percepções e experiências pessoais têm no processo de tradução pois evidencia a dificuldade de Letty em compreender as diferenças mais profundas entre as línguas - como uma inglesa vivendo em uma sociedade monolíngue e imperial, soa mais complicado para ela perceber aspectos da culturalidade da língua que precisem ser ajustados para a compreensão. Por outro lado, como alguém com acesso ao conhecimento de diferentes línguas, um conceito estrangeiro que não foi adaptado pode ser facilmente entendido por ela sem que haja necessidade de adequação. Esse questionamento é rapidamente respondido pelo professor Playfair que explica que esse ideal só seria possível se existissem para todas as línguas termos equivalentes que representassem o mesmo sentido, mas como não é essa a realidade, o sentido deve ser recriado pelo tradutor de acordo com os recursos expressivos disponíveis em cada língua.

A proposta de traduzir “palavra por palavra” como dito pela personagem Letty alinha-se na crença da equivalência natural, em que a tradução é recíproca e admitindo a possibilidade de um processo bidirecional equilibrado, sendo possível a transferência de forma simétrica. Na equivalência direcional, por sua vez, esse retorno ao mesmo ponto não mais é viável, já que as escolhas do tradutor são orientadas por uma direção específica (da língua-fonte para a língua-alvo). Em uma situação em que o tradutor precise retraduzir para a língua de origem de um termo já traduzido, o resultado pode não ser o mesmo a menos que ele tenha em mãos o texto original, uma vez que depende das escolhas feitas na adaptação do texto final.

Apesar dessa diferença, existe complementação entre os dois conceitos: a direcionalidade pressupõe que existe entre as línguas uma assimetria que torna a equivalência natural um ideal dificilmente alcançável como explicado pelo professor Playfair. A direcionalidade supõe que dentre essas escolhas, existe na configuração das próprias línguas, o elemento anterior a tradução que permite a possibilidade de selecionar uma direção o que retorna a ideia de natural. A base da tradução, até o momento, é construída como algo que irá em uma direção: um texto de origem caminha para o texto de chegada que se consolida.

— Os tradutores estão sempre sendo acusados de infidelidade — explicou o professor Playfair. — Então, o que isso implica, essa fidelidade? Fidelidade a quem? Ao texto? Aos leitores? Ao autor? A fidelidade está dissociada do estilo? Da beleza?

[...]

— Não existe resposta certa, é claro. Nenhum dos teóricos antes de vocês conseguiu resolver essa questão. Esse é o debate contínuo do nosso campo. Schleiermacher argumentava que as traduções deveriam ser artificiais o bastante para se apresentarem claramente como textos estrangeiros. E sustentava que havia duas opções: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor em sua direção. Schleiermacher escolheu a primeira opção. No entanto, a corrente dominante na Inglaterra agora é a última, fazer com que as traduções soem tão naturais para o leitor inglês que não sejam lidas como traduções. Qual das opções parece correta para vocês? Devemos tentar ao máximo, como tradutores, nos tornar invisíveis? Ou lembramos ao leitor que o que ele está lendo não foi escrito em sua língua nativa? (Kuang, 2022, p. 179)

O teólogo e tradutor alemão citado pelo personagem de Kuang realmente apresenta essa dicotomia dentro da direcionalidade e que o resultado depende do objetivo do tradutor. Ao dizer “ou se leva o autor até o leitor, ou o leitor até o autor”, Schleiermacher é uma aponta duas escolhas: adaptar o texto ao contexto sociocultural do público-alvo ou preservar as marcas estilísticas do texto original. No trecho em destaque, o professor comenta a respeito do que é esperado dos tradutores no contexto da Inglaterra imperial, deixando claro que a prioridade do processo deve estar voltada para o consumo do cidadão inglês mesmo que isso apague aspectos fundamentais da língua de partida.

Então, como podem ver, os tradutores não transmitem uma mensagem, mas reescrevem o original. E aqui reside a dificuldade: a reescrita ainda é uma escrita, e a escrita sempre reflete a ideologia e as predisposições do autor. (Kuang, 2022, p.127)

Os alunos nesse momento da história parecem compreender que qualquer seja a decisão do tradutor, existirá uma dissonância, conforme dito por Schleiermacher. O que parece suscitar os questionamentos é o que influencia essa decisão e por que no contexto em que vivem – apogeu do imperialismo inglês - o mais correto seria a priorização das línguas europeias o que remete ao contexto político histórico em que estão inseridos e demonstra que a decisão do tradutor não se define considerando apenas aspectos estilísticos e linguísticos.

4.4 A escolha do tradutor como determinante da tradução

Em Babel, o ato de traduzir está intimamente relacionado à atuação política e econômica da nação em que estão inseridos, uma vez que se consagra como uma das atividades estruturantes do Império. Dessa forma a ideia de domesticação do texto - que suaviza o choque cultural - serve a práticas de assimilação cultural, enquanto a estrangeirização funciona como resistência à assimilação cultural e dar abertura cultural.

Quando se fala de preservar a autorreferência e integridade da mensagem escolhida no texto de partida, raramente a discussão se reduz à simplicidade de somente escolher a proximidade entre as duas línguas. Primeiro, não se pode garantir a equivalência em todos os níveis, como dito anteriormente no discorrer sobre equivalência natural (não há garantias da existência de um termo que represente totalmente o significado do que foi expresso na língua de origem), tornando necessário realizar adaptações para o leitor da cultura-alvo. Segundo, é válido considerar que em alguns casos, seria mais prejudicial ao objetivo final do texto manter rigidamente o nível estilístico do original em detrimento de repassar funcionalmente a mensagem do autor, algo que o personagem Ramy defende:

“Letty, que dava grande importância a estruturas gramaticais que fossem o mais fiéis possível ao latim, parecia disposta a perdoar os arranjos mais esdrúxulos no que dizia respeito à prosa, enquanto Ramy, seu oposto, estava sempre pronto para abandonar a precisão técnica em favor de floreios retóricos que ele insistia que transmitiriam melhor o significado, mesmo que isso exigisse a inserção de orações totalmente novas. (Kuang, 2022, p. 148)

Conforme visto na percepção de Jiří Levý(1967/2004 apud Pym) , o distanciamento do texto-fonte cria uma tradução ilusória, tornando a escolha de tornar identificável que um texto é tradução ou não é amplamente discutido dentro do espectro de tradução. Entretanto, esse afastamento do nível formal da língua, que para Catford (1965 apud Pym, 2017) implica perda em outro nível, está passível de influências externas de forma muito mais sensível do que o texto original. Para a escrita, o autor detém liberdade para expressão da sua própria vontade, enquanto o tradutor precisa equilibrar a manutenção do “espírito” do texto e a recepção dessas ideias a um outro público.

Todas essas abordagens caminham ao mesmo ponto: a escolha do tradutor, uma que não necessariamente é determinada somente pelo texto original ou pelo público. A discussão apresentada pelo professor não foge da existência dessa dicotomia, mas também não elucida quais aspectos são determinantes de forma concreta. No trecho acima, Ramy acredita em

priorizar o funcionalismo do texto: para ele, a mensagem do autor deve ser transmitida independente dos ajustes técnicos a serem realizados e enxerga a tradução como espaço para criatividade e exploração das lacunas semânticas e culturais – ele compreende que existem espaços que não cabem ser preenchidos somente com termos sintaticamente correspondentes.

4.5 A distorção inevitável presente na tradução

Os tradutores, sendo treinados em Babel, são frequentemente expostos a sua função como detentor das possibilidades e responsável pelas decisões que determinam qual direção o texto irá tomar. Com todos os caminhos apontados por Vinay e Darbelnet e dentre as estratégias possíveis para o processo, é interessante considerar qual representação do texto-fonte cabe ao texto-fonte pois com mais de uma possibilidade, inclusive aquelas que não cabem ao que está sendo transposto, a equivalência plena se torna impossível em algumas línguas devido elementos fonéticos, gramaticais ou culturais.

Se a tradução fosse apenas uma questão de encontrar os temas certos, as ideias gerais corretas, então, teoricamente, no fim das contas seríamos capazes de deixar nosso significado claro, não seríamos? Mas tem alguma coisa que atrapalha: sintaxe, gramática, morfologia e ortografia, tudo que compõe o esqueleto de uma língua. [...] Portanto devemos partir do pressuposto de que a distorção é inevitável. A questão é como distorcer com ponderação. (Kuang,2022, p. 127-128)

A grande problemática levantada nas primeiras teorias da equivalência sempre foi a impossibilidade de garanti-la de forma natural e fiel, o primeiro referindo-se à fluência na língua-alvo e a segunda à correspondência com o original. Para os tradutores em Babel essa impossibilidade não é uma barreira significativa, uma vez que é útil para a confecção das barras de prata. O Império reconhece que o mais comum é que essa naturalidade não se sustente em todos os níveis da língua, mas elenca como mais importante a diferença no nível semântico. Os professores da academia não ocultam dos alunos a influência primordial da cultura no processo tradutório; ao contrário, ensinam que a tradução é, em grande medida, o resultado da distorção entre termos de sistemas linguísticos diversos.

Eles fizeram que sim com a cabeça. Aquilo nada mais era do que a tese que o professor Playfair havia martelado na cabeça deles durante todo o período anterior – de que toda tradução envolvia algum grau de deformação e distorção. (Kuang,2022, p. 182)

Nida acreditava em manter a intenção comunicativa, seja pela equivalência formal mantendo o texto mais próximo do original possível conforme defendido por Letty, ou pela equivalência dinâmica, realizando adaptações para aproximar o texto do leitor como Ramy acreditava ser o melhor. O professor sugere que sempre haverá “traição” na tradução.

Mas qual é o oposto da fidelidade? — continuou o professor Playfair. Ele estava chegando ao fim daquela dialética; agora precisava apenas concluir com uma frase de efeito. — Traição. Tradução significa exercer violência sobre o original, significa deformá-lo e distorcê-lo para olhos estrangeiros e não pretendidos. Então, como é que ficamos? Como podemos concluir, exceto reconhecendo que um ato de tradução é necessariamente um ato de traição? (Kuang, 2022, p. 179)

Para Venuti, a fidelidade ao texto original é a estratégia ética para preservação das diferenças culturais e mesmo entregando um material que apresente alguma dificuldade de compreensão para o público, a *estrangeirização* é alternativa para o tradutor. Essas questões perpassam os aspectos sociopolíticos vigentes no universo de Babel: para a sociedade inglesa não há benefícios aparentes em preservar culturas estrangeiras; portanto, a *domesticação* - com apagamento cultural é bem-vinda. Para o instituto de tradução, cujas atividades se sustentam justamente pelas lacunas linguísticas, manter essas diferenças é ideal.

Esta discussão, para Babel, permanece sem resposta, pois como finaliza uma das alunas, Victoire “Ou você situa o texto em seu tempo e lugar, ou o traz para onde você está, aqui e agora. Mas vai estar sempre abrindo mão de alguma coisa” (Kuang, 2022, p. 179)

4.6 O processo técnico de confecção das barras

Em Babel, os quatro jovens passam por períodos de aprendizagem para aprimorarem suas habilidades linguísticas e desenvolverem a capacidade de trabalhar com as barras de prata. O sistema de magia apresentado pela autora funciona de forma artesanal. As palavras equivalentes – considerando as definições de equivalência já discutidas – são inscritas em uma placa de prata, uma de cada lado e a partir das lacunas semânticas entre as duas línguas, a mágica acontece. Importante destacar que no livro, o responsável por realizar esse processo deve ter domínio pleno de uma língua e naturalidade na outra, pois é preciso que o tradutor consiga visualizar com clareza as nuances perdidas na transferência. O significado perdido durante essa passagem será manifestado fisicamente - como as palavras certas de um feitiço.

[...] Os princípios básicos da ação da prata são muito simples. Você inscreve uma palavra ou expressão em um idioma de um lado e uma palavra ou expressão correspondente em um idioma diferente do outro. Como a tradução nunca pode ser perfeita, as distorções inevitáveis, os significados que se perdem ou se deturpam no caminho, são capturadas e em seguida manifestadas pela prata. E isso, queridos alunos, é o mais próximo de magia que temos no reino da ciência natural. (Kuang, 2022, p. 182-183)

As escolhas citadas anteriormente frequentemente envolvem tensões, de forma que surgiram discussões a respeito das mudanças de tradução, sistemas e polissemias, normas, universais e leis de tradução. Ao realizar uma tradução, é inevitável que além do resultado, existam inúmeras outras possibilidades que possam garantir a tradução final também, ou seja, nenhuma tradução é igual.

Em determinado momento da formação, os alunos devem realizar seus primeiros testes com as barras de prata. A atividade é, em teoria, simples considerando o que foi discutido em sala de aula. Devem selecionar um par de palavras em idiomas diferentes que possam ser usadas como equivalentes na tradução de uma para a outra, mas que dentro dessa correspondência exista algum significado que não seja transposto.

Míngbai – Robin deixou escapar. – É mandarim. Significa... significa “compreender”, certo? Mas os caracteres são repletos de imagens. Míng, brilhante, uma luz, clareza. E bai, branco, como a cor. Portanto, não significa apenas compreender ou perceber, tem também o componente visual de esclarecer, iluminar.

[...]

Alguma coisa pulsou na prata – algo vivo, algo forte e arrojado; uma rajada de vento, uma onda se quebrando; e naquela fração de segundo Robin sentiu a fonte de seu poder, aquele lugar sublime e inominável onde o significado era criado, aquele lugar do qual as palavras se aproximavam, mas que não podiam, nunca poderiam definir de forma clara e precisa; um lugar que só podia ser invocado, de forma imperfeita, mas que mesmo assim fazia sentir sua presença. Uma esfera de luz brilhante e quente se projetou da barra e cresceu até envolver os dois. (Kuang, 2022, p. 264-265)

Aqui, Robin explicita a diferença entre os equivalentes escolhidos: a palavra chinesa é traduzida para o inglês como “compreender”, porém, dentro do sistema linguístico a que pertence existe um significado específico que remete a uma dimensão visual (brilhante;claro) e assim manifesta-se como poder nas barras. Todo o processo realizado pelos tradutores em

Babel baseia-se justamente nessa ausência, o poder ou mágica criados pelas barras de prata exige que exista uma perda, em específico o funcional, de sentido. Algum significado cultural ou mais profundo e natural à língua de origem se perde quando palavras em outro idioma não são capazes de expressar na totalidade essa mensagem, palavras essas escolhidas pelo tradutor por não haver correspondente equivalente ou por aspectos estilísticos. A escolha de Robin não é arbitrária, ele busca uma palavra em que reconhece a intraduzibilidade, garantindo que existe uma perda significativa o suficiente para gerar poder nas barras.

[...] E ele gostou muito de conhecer as barras de prata com pares de equivalentes engenhosos que Babel havia fornecido para a festa. Um deles, certamente criado pelo professor Lovell, combinava a expressão chinesa de quatro palavras 百卉千葩 com a tradução em inglês “a hundred plants and thousand flowers”, “cem plantas e mil flores”. A conotação do original chinês, que invocava uma miríade de cores vívidas e deslumbrantes, tornava as rosas mais vermelhas, as violetas em flor maiores e mais vibrantes. (Kuang, 2022, p. 271)

Nesse trecho do livro, o jovem Robin está na presença do uso das barras para a criação de um efeito físico: para deixar as flores mais coloridas e vibrantes o professor Lovell optou por realizar a tradução de algumas palavras no idioma chinês que em sua tradução literal e específica significasse “cem flores e mil botões”, mas que culturalmente representasse dentro do sistema linguístico correspondente daquela língua, algo colorido e vivo. Dessa maneira, ao escolher palavras que de forma literal, esse significado foi perdido e se manifestou em poder tornando as flores da festa mais coloridas.

Todo o poder das pratas residia na manifestação de todos os significados ocultos dentro de uma palavra que não são possíveis de transferir para outra. Se uma determinada expressão tem dois significados para um povo, ao traduzir para outra língua será necessário realizar uma escolha entre esses dois significados, logo o outro se perde. No exemplo do livro, o professor precisou escolher entre manter o valor da expressão chinesa como quantidade ou inserir o termo inglês que representasse a variedade vívida e colorida das flores. Como intencionava criar uma barra capaz de colorir as flores de forma mágica, ele optou por uma escolha que garantiria que essa ideia perdida se manifestasse na prata. Enquanto para os tradutores reais, achar equivalentes mais próximos se tornou um desafio, para os tradutores em Babel o ideal era encontrar equivalentes em que existisse essa pendência de significados.

Bem, é um tipo específico de estado mental. Você pronuncia as palavras, mas o mais importante é manter os dois significados em sua mente ao mesmo tempo e imaginar que os está atravessando. (Kuang, 2022, p. 225)

Para as teorias descritivas, cabe ao tradutor selecionar uma alternativa e considerá-la mais adequada e reconhecer que os sentidos de uma língua não são claros e estáveis, mas sim sujeitos a interpretação. O foco principal do descritivismo era a identificação das causas que justificassem essas diferenças entre as traduções e os aspectos pessoais, institucionais e históricos que influenciavam as decisões. Uma análise realizada pelo poeta e tradutor James S. Holmes (1970 apud Pym, 2017), sugere que essas decisões são subordinadas à cultura e as raras exceções podem ser consideradas “imitações”, o que seria uma forma de dizer que a tradução depende do contexto. Para cada problema de tradução ainda no texto de partida garante um leque de soluções para o texto de chegada e dentro desse leque destacam-se aquelas que são consideradas genuínas e outras ignoradas.

Com todas as possibilidades que os alunos têm, em determinado momento é explicado que existe uma palavra que não deve ser utilizada na confecção de barras de prata: as próprias variantes de tradução.

O par de equivalentes da tradução cria um paradoxo – explicou o professor Playfair com tranquilidade quando a barra começou a se sacudir com tanta força que saltou centímetros da mesa em seus espasmos. – Ele tenta criar uma tradução mais pura, algo que se alinhe com as metáforas associadas a cada palavra, mas isso é obviamente impossível, porque não há traduções perfeitas. (Kuang, 2022, p. 188)

A inexistência de traduções perfeitas é indiscutível aos personagens e, no universo de Babel, as correspondentes do latim apresentadas neste trabalho refletem essas nuances: em *traducere* a ideia de "conduzir através" ou "levar de um lado para outro" com a noção mais próxima de ato de transportar o sentido, e *translatio* discutido no romance tem ênfase à transferência ou "mudança de lugar". As duas palavras implicam essa passagem, porém nenhuma explica em quais aspectos essa transferência se dá: o que será transferido de uma língua para a outra depende de fatores específicos e das escolhas do tradutor. Sem uma prescrição formal para definir o que seria considerado pleno, a perfeição na tradução não existe nem mesmo em sua própria definição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonista da fantasia, Robin, é romântico e idealista em sua visão da tradução. Apesar do contexto colonialista exploratório em que está inserido e da forma como a tradução serve ao poder exercido socialmente, ele acredita fielmente na conexão que surge a partir da linguagem quando diz “Bem... é que na Bíblia, Deus separou a humanidade. E eu me pergunto se... se o propósito da tradução, então, é unir a humanidade outra vez” (Kuang, 2022, p. 129)

A visão do personagem é justamente como a visão bíblica trouxe ao mundo e ironicamente a tradução surge como ferramenta de união para solucionar a separação que aconteceu na torre de Babel com o povo de Deus. Robin inverte a narrativa bíblica de forma que se a tradução um dia foi resultado de uma fragmentação, agora servirá ao propósito de reconciliação. Essa união entretanto não é simples e o processo não é perfeito, pois depende em níveis consideráveis do tradutor e das percepções que ele acredita serem essenciais ao trabalho. No romance criado por Rebeca Kuang as teorias da tradução são essenciais para compreender o funcionamento da sociedade e a identidade do sujeito- tradutor como influência e reflexo dessas teorias.

A imperfeição da tradução é um aspecto que valida a subjetividade e trabalho colaborativo realizado pelo tradutor. A autora demonstra em sua narrativa que as teorias são construídas através de ideologias, mas que as ideologias também são influenciadas pela percepção que se tem da linguagem. Os estudantes são moldados a partir dos paradigmas que a universidade os apresenta e se desenvolvem com as discussões incitadas pela academia, mas deixam suas marcas e compreensões tomarem parte na formação de que tipo de tradutor eles são, demonstrando a dinâmica de via dupla que faz parte do processo de traduzir.

A fantasia histórica *Babel: or the Necessity of Violence* aborda conceitos como intraduzibilidade, equivalência, cultura e estrangeirismo e revela a tradução como ferramenta social imprescindível para a compreensão da linguagem. A autora trata das teorias como forma de elucidar naquele universo – e na realidade - o papel das línguas na construção do mundo e como os sistemas linguísticos e contato entre eles não deve ser tratado como uma ciência independente e distante.

Assim, ao longo deste trabalho, buscou-se compreender como as teorias da tradução foram abordadas no livro *Babel* de Rebeca Kuang e como servem à formação do tradutor. A análise percorreu os principais paradigmas da tradução: da equivalência de Nida ao

funcionalismo de Vermeer, do descritivismo de Toury à crítica de Venuti e demonstrou como todos eles são dramatizados em Babel, tanto no sistema de magia quanto nas escolhas e conflitos dos personagens. Identificando de forma clara que a influência se manifesta de forma pêndula, uma vez que os paradigmas inspiram na mesma medida que são induzidos pelos indivíduos e suas vivências. Embora não haja tradução perfeita e o trabalho do tradutor seja antes de tudo passível de escolhas e contexto, há potência nesses deslocamentos. Espera-se que esta análise contribua para ampliar o debate sobre o papel da tradução na contemporaneidade e instigue outras investigações quanto ao papel da tradução e suas dimensões éticas e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIETI – Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación. **Skopos**. Enciclopédia de Tradução e Interpretação, [s.d.]. Disponível em: <https://www.aieti.eu/enti/skopos_POR/entrada.html>. Acesso em: 14 abr. 2026.

ANDRADE, Gabriela Lopes Vasconcellos de. **Desbabelizar o mito: a língua em Babel**, de Antonia Torreão Herrera, eo estrangeiro em Sinônimos, de Nadav Lapid. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 25, n. 49, p. 104-121, 2023.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 1990.

BÍBLIA. Gênesis 11:1-9. In: **Bible Gateway**. Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=G%C3%AAnesis%2011%3A1-9&version=OL>>. Acesso em: 18 jun. 2026.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986

CHAMBERS, Claire. **Translation as colonialism's engine fuel in R.F. Kuang's Babel**. 3 Quarks Daily, 10 jul. 2023. Disponível em: <<https://3quarksdaily.com/3quarksdaily/2023/07/translation-as-colonialisms-engine-fuel-in-r-f-kuangs-babel.html>>. Acesso em: 05 mar. 2026.

COSTA, Maria Antônia Machini. **Língua (inglesa), tradução e estrangeiridade: Representações discursivas e (de) colonialidade do saber em Babel (or, the necessity of violence: an arcane history of the Oxford translators' revolution)** de RF Kuang. 2023.

DE ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. **Linguística aplicada: ensino de línguas & comunicação**. Campinas: Pontes, 2009.

GARRIDO, Bruno Sampaio. **A Construção da Identidade do Tradutor em Textos de Psicologia da Educação: Um Estudo Semiótico-Discursivo**. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, v. 20, n. 4, p. 457-464, 2019.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HATTNER, A. L. **TRADUÇÃO E IDENTIDADE: O TRADUTOR COMO TRANSMORFO**. Letras, [S. l.], n. 8, p. 31+37, 1994. DOI: 10.5902/2176148511796. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11796>. Acesso em: 23 jun. 2026.

KIMNICK, Julia Stolar. **Tradução, poder e colonialismo: o discurso de Babel, ou a necessidade da violência, de RF Kuang**. 2024.

KUANG, Rebecca. F. Babel, ou a necessidade da violência: uma história arcana da revolução dos tradutores de Oxford. São Paulo: Intrínseca, 2024

KUANG, R. F. Babel. Londres: HARPER Voyager, 2022.

LANZETTI, Rafael. **Quadro histórico das teorias de tradução**. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 8., 2004, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-14.html>>. Acesso em: 26 jun. 2026.

NIDA, Eugene A. **Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964. Disponível em: <<https://archive.org/details/towardscienceoft0000nida/page/n9/mode/2up>>. Acesso em: 10 mai. 2026.

NIELSEN, Annie Alvarenga Hyldgard. **A face oculta de Pagu: um caso de pseudotradução no Brasil do século XX**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, 2007.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. Editora Perspectiva SA, 2017.

REISS, Katharina; NORD, Christiane; VERMEER, Hans J. **Towards a general theory of translational action: Skopos theory explained**. Routledge, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Andréia Inês da. **A tradução como prática discursiva: uma leitura de Babel**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>>. Acesso em: 01 jul. 2026.

SNELL-HORNBY, Mary. **A " estrangeirização" de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos estudos da tradução?** Pandaemonium Germanicum, v. 15, n. 19, p. 185-212, 2012.

TODOROV, Tzvetan; CASTELLO, Maria Clara Correa. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies – and beyond**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: A history of translation**. Routledge, 2017.